

A AMBIGUIDADE DA LINGUAGEM E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO REFERENCIAL: A PREPOSIÇÃO PARA EM DESTAQUE

Paula de Souza Gonçalves²³

Marcos Luiz Cumpri²⁴

RESUMO: nosso trabalho, apoiado pela Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas do linguista francês Antoine Culioli e de seus colaboradores, se direciona ao estudo da ambiguidade da linguagem para mostrar como sua plasticidade atua no processo da construção referencial. O objetivo foi explicitar a ambiguidade inerente e fundamental da linguagem por meio do movimento preposicional por ele trazer à tona a dependência semântica das unidades (o léxico) em relação à própria construção do enunciado (a sintaxe), o que fica bem marcado com a análise que trazemos da preposição **para** em enunciados do português brasileiro. O resultado foi a verificação de que cada termo da língua tem mecanismos sofisticados e próprios de funcionamento e que a alternância entre um e outro advém, sobretudo, do contexto, da intenção do sujeito enunciativo e da situação enunciativa, o que nos levou a concluir que é exatamente esse comportamento de cada termo que reverbera a ambiguidade da constitutiva da linguagem.

PALAVRAS – CHAVE: Linguagem. Ambiguidade. Referenciação. Preposição para.

ABSTRACT: our work is supported by The Theory of Predicative and Enunciative Operations launched by the French linguist Antoine Culioli and his co-workers and is directed to the study of the ambiguity of language to show how its plasticity operates in the process of the referential construction. The goal was to show the natural and essential ambiguity of language through the prepositional movement because it brings to light the semantic dependence of the units (lexicon) in relation to the construction of the utterance (syntax), what is well marked throughout the analysis brought of the preposition **para** in some utterances of Brazilian Portuguese. As result we had the verification that the terms of a language have own and sophisticate mechanisms of operation and that the interchange between them mainly comes from the context, from de enunciator's intention and from the enunciative situation, what made us conclude the action of each term reverberates the constitutive ambiguity of language.

KEYWORDS: Language. Ambiguity. Referentiation. Preposition para.

Introdução

Culioli (1999a) ressalta que estudar o enunciado é fazer vir à tona o problema das relações intersubjetivas e o problema fundamental da dissimetria entre produção e reconhecimento. Nesse contexto, o sentido seria sempre relativo por a linguagem carregar em si uma ambiguidade intrínseca e fundamental, pois é essa ambiguidade que dá à linguagem tanto estabilidade quanto instabilidade.

Fuchs (1996) destaca que a ideia de uma mensagem verdadeiramente unívoca, totalmente desprovida de ambiguidade, é, de todo, um erro. Assim, a ambiguidade seria um fenômeno semântico que se manifesta no momento da decodificação e que se define pelo fato de uma mesma forma linguística poder se associar a várias significações desconexas e mutuamente exclusivas.

²³ Professor da Faculdade Flamingo/ Centro Universitário Claretiano

²⁴ Professor da UNISC

Le Goffic (1981) afirma que estudar a significação (e suas imbricações) é, sem dúvidas, dividir-se entre o enunciado e o sujeito, pois todo enunciado supõe uma intenção de significação, mas ao mesmo tempo é passível de se desviar da sua enunciação. A interpretação de um enunciado se faz a partir de um processo de vai e vem entre a significação que determina a enunciação e a reconstrução da intenção de significação do sujeito enunciator.

Com base nessas três reflexões, o objetivo deste artigo é mostrar que a ambiguidade é (i) constituinte da linguagem por dar a ela toda sua plasticidade necessária e (ii) inevitável, pois todo enunciado é potencialmente ambíguo.

Independentemente dos inúmeros percursos que poderíamos trilhar, primamos por nos enveredar, no momento de nossa análise, pelos traços dos sujeitos enunciativos (entre eles, as marcas linguísticas) utilizados na construção da significação durante o ato enunciativo, pois cremos que é tal caminho que nos projetará na rede de enunciações em cadeia, constituindo-nos como co-enunciadores de todo esse processo.

Para cumprir nossa meta, dividimos o nosso artigo em duas partes. Uma teórica que aponta para uma reflexão que coloca a indeterminação da linguagem e o processo de compreensão e de construção da referência e do sentido como eixos condutores; uma prática que traz um exercício que mostra todo esse trabalho linguístico exposto acima. O texto ainda traz uma conclusão e referências.

A linguística culioliana: delimitações teórico-metodológicas

Nosso aporte teórico-metodológico se localiza na da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) do linguista francês Antoine Culioli por se tratar de uma teoria que aposta radicalmente na indeterminação da linguagem e que fomenta o estudo sistemático da significação linguística por meio dos próprios processos que constituem os enunciados.

De acordo com esse ponto de vista, apostar na indeterminação da linguagem é entendê-la como uma prática, uma capacidade pertencente a todos os seres humanos de construir símbolos, representações, processos de síntese (indução) e de elaborações de análise (dedução) e as línguas naturais seriam o produto dessa atividade, uma vez que a linguagem constitui um trabalho de elaboração de representações, uma forma processual construtora de conteúdo que seria inata ao homem. Por isso, um dos meios para se ter acesso a essa forma construtora é o das expressões verbais dos indivíduos, envolvendo a alteridade que permite a constituição do eu.

Culioli (1990, 1999a, 1999b) estabelece uma relação dialógica entre a linguagem (faculdade universal de produzir e interpretar textos por um processo de operações generalizáveis) e as línguas (sistemas de representação que têm regras próprias de organização e cujos traços são empiricamente observáveis). Com isso, ele aproxima a TOPE do que seria um estudo das invariantes (operações elementares subjacentes à atividade de linguagem) por meio da diversidade das línguas naturais em que o conceito de fala (*parole*) se confunde, intencionalmente, com o de enunciação, de modo que ela não seja apenas o ato individual da linguagem (ato das realizações e manifestações da língua), mas o próprio conceito de comunicação humana provido de regras enunciativas.

A TOPE não separa o significado da sintaxe, ao contrário, prioriza a observação de valores semântico-discursivos veiculados por marcas de diferentes ordens (entoacional, lexical, morfológica, etc.) geradas na relação léxico-gramatical. Nesse sentido:

- d) Buscam-se os caminhos que levam aos mecanismos que nos permitem representar os arranjos na língua por meio da atividade metalinguística.
- e) Articulam-se, léxico e gramática, os quais não são dados prontos, mas construtos oriundos da atividade da linguagem pertencentes a uma determinada língua.
- f) Crê-se que o significado de um enunciado é construído por meio de modulações de sentido e essas modulações dialogam entre si e com um determinado conteúdo predicativo, o qual fornece a espessura dialógica necessária à construção da representação.

A linguagem é um trabalho constante de representação que é seguido de um processo de referenciação da mesma. Já a fala não é somente um meio de comunicação, mas uma ação que desencadeia vários processos, pois quando falamos ou escrevemos, desenvolvemos um processo de organização parafrástica, de ambigüização e de desambigüização. Tal afirmação é respaldada pelo o que diz Vignaux (1995), quando ele frisa três características essenciais da teoria de Culioli:

- (i) A interdição da dicotomia artificial entre língua e fala (*langue* x *parole* para Saussure)

(ii) A escolha de um nível mais profundo como método de análise denominado relações primitivas²⁵.

(iii) A oposição de contradições intrínsecas em relação a uma dada marca partindo das observações de agenciamento das frases (a superfície) para ligá-las a um esquema primitivo de constituição (as relações primitivas) e retornar à superfície para derivar uma ou várias famílias parafrásticas²⁶.

A atividade de (re)construção se realiza por meio de operações resultantes da produção de enunciados num determinado momento (tempo), num determinado lugar (espaço), por um determinado (co)enunciador (sujeito), o qual (re)constrói significações por meio da (re)interpretação da realidade.

Para Culioli (1976), a atividade de linguagem caracteriza-se pela capacidade humana de construir representações, referenciações e regulações mentais baseadas nos universos extralinguístico e linguístico. As representações dão origem às noções²⁷, as quais são eixos de propriedades físico-culturais particulares; a atividade de referenciação comporta a relação entre elementos do domínio linguístico e elementos do domínio extralinguístico; a atividade de regulação caracteriza-se por aproximações das representações dos sujeitos enunciadorees por meio das referências construídas por cada um.

Para a TOPE, é a atividade metalinguística objetiva que capta precisamente as propriedades da língua. E essa metalinguagem também concerne à questão do dizível e do indizível. Língua e linguagem estão de tal maneira imbricadas que poderíamos dizer que são bagagens do ser humano, a linguagem como uma bagagem genética (a invariância) e as línguas naturais (a variação) como uma bagagem cultural; o formal e o empírico, respectivamente, de forma que o ser humano privado de uma delas não se desenvolveria.

Assim, a linguagem e o indivíduo ficariam entre esses dois polos e a atividade discursiva os desestabilizaria. Por isso, a TOPE recusa a concepção de língua utilizada como objeto da linguística e caracterizada como estática, invariante e homogênea, procurando a própria invariância, ou seja, a procura não está no produto acabado, mas nas inúmeras significações a que um enunciado (pensado, por exemplo) chega ao proliferar sobre si próprio.

²⁵ A relação primitiva é uma relação não ordenada, pré-assertada, não modalizada e não predicada que assegura que todo ato de linguagem seja colocado inicialmente em forma, o qual, por sua vez, assegurará as relações entre as coisas e dar-lhes-á atributo, colocando-as em movimento.

²⁶ Uma família parafrástica é tanto a relação estabelecida entre um enunciado e suas reformulações quanto a relação entre todos os enunciados virtualmente equivalentes numa dada língua.

²⁷ Para uma leitura mais aprofundada do conceito de noção, ver Cumpri (2008).

Percebemos, então, a forte ligação entre cultura e língua, ou seja, a inserção psicossociológica do falante que lhe permite perceber as sutilezas da significação (estilo, ênfase, variáveis psicológicas e sociológicas, etc.), o que nos leva a enxergar a importância do papel do linguista no estudo do processamento de linguagem.

A enunciação, portanto, pressupõe a existência de um percurso marcado de operações, nas quais um sujeito enunciador, numa situação de enunciação, (por meio de ajustamentos) busca, no discurso, significar e constituir sentidos. É um momento onde tanto emissor quanto receptor assumem dois papéis, visto que emissor é também seu próprio receptor e que o receptor é um emissor em potencial. Logo, cada um (emissor e receptor) constrói ao mesmo tempo a produção e a recepção do outro, fato esse que leva Culioli a falar de sujeitos co-enunciadores.

O enunciado assume um sentido muito peculiar nessa reflexão, pois ele é tido como o arranjo das formas (lexemas, orações, expressões, timbre, acento e entonação), que são marcas de operações subjacentes à atividade de linguagem. É o elemento mais observável aos olhos do linguista, pois ele é o possuidor das propriedades que nos levam aos caminhos tanto da descoberta da significação, quanto dos processos (operações e mecanismos) que produzem o próprio significado.

Após o breve exposto, fica evidente que a linguística enunciativa de Culioli tem o enunciado como seu foco de análise por ele englobar todas as produções dos sujeitos falantes (orais e escritas). Portanto, não é a produção linguageira que mais chama a atenção de Culioli, mas a significação do enunciado no que diz respeito ao resultado das condições de produção. A maior inquietação dele, nesse quesito, é a que se refere à comunicação, a qual é uma significação complexa entre enunciados (textos), uma situação de enunciação, um sentido e os valores referenciais.

A teoria culioliana refere-se a uma teoria da enunciação não por considerar o enunciado como um resultado de um ato de linguagem individual ancorado apenas num eu, num aqui e num agora, mas por entendê-lo como um agenciamento de formas que partem dos mecanismos enunciativos que o constituem e que permitem que ele seja analisado dentro de um quadro de um sistema de representação formalizável como um encadeamento de operações das quais ele é o maior traço.

Concluimos, portanto, que a TOPE visa à elaboração de um sistema de representação metalinguístico cujo instrumento metodológico é a metalinguagem que permitirá uma visão mais refinada por parte do linguista com suas manipulações. Assim, Culioli intui reconstruir

as noções primitivas, as operações elementares, regras e esquemas que geram as categorias gramaticais e arranjos específicos a cada língua natural.

Alguns conceitos da TOPE

a) O conceito de noção

A noção é definida, na TOPE, como um eixo de propriedades que são identificáveis e relacionáveis nas relações enunciativas por se prenderem ora ao domínio da cultura, ora ao domínio da experiência de mundo, ora ao domínio da cognição. E esses domínios são as fontes que caracterizam os objetos e os fenômenos de mundo.

Nesse viés, uma noção é definida sempre que ela permitir a criação de um domínio de sentido e referência e só será operatória na atividade linguagística na medida em que ela (a noção) legitimar relações de predicação, as quais construirão esse domínio.

Segue dois excertos de Culioli acerca do conceito de noção:

De um lado, trata-se de uma forma de representação não lingüística, ligada ao estado de conhecimento e à atividade de elaboração de experiência de cada pessoa. [...] De outro, trata-se da primeira etapa de uma representação metalingüística. (CULIOLI, 1999b, p. 8-9).

Um conjunto que se pode expressar, como por exemplo: ler, leitura, livro, leitor, livraria, etc. O que significa que não podemos reduzi-lo a uma unidade lexical. A unidade lexical pode servir como um meio de entrada de dicionário, mas é só. (CULIOLI, 1995, p. 34)

b) Os conceitos de extração, varredura e flechagem

A extração consiste na individualização de uma ocorrência por meio de sua localização em relação a um sistema situacional. Assim, isola-se um ou mais elementos de uma classe de ocorrências ou isola-se uma quantidade de uma classe de quantidades e atribui-se um estatuto a uma ocorrência situada de uma noção que não tem nenhum outro traço distintivo além de ter sido singularizada. O que antes era uma ocorrência de uma classe abstrata torna-se uma ocorrência singular, delimitada, com propriedades situacionais. (CULIOLI, 1990, p.182)

A flechagem marca uma estabilidade existencial. Dada uma primeira ocorrência extraída de P, haverá flechagem se uma segunda ocorrência de P for idêntica à ocorrência anterior. (CULIOLI, 1990, p.182)

A operação de varredura consiste em percorrer todos os valores observáveis de classe de ocorrências abstratas no interior de um domínio sem se ater a um valor específico em relação a uma situação particular. (CULIOLI, 1990, p.182)

Princípios para uma gramática operatória: considerações sobre o quadro descritivo

5. O processo da construção referencial

Após a explanação do nosso aparato teórico-metodológico, buscaremos, nesta segunda parte, expor a ambiguidade natural e inerente à linguagem por meio de um trabalho metalinguístico com a preposição **para**.

A escolha dessa marca não é aleatória, pois, como ressalta Gonçalves (2008), seu esquema de funcionamento é um tanto complexo, o que facilitaria a discussão em relação às operações de linguagem subjacentes ao enunciado e à ambiguidade, o que é o nosso principal foco de trabalho. Optamos, também, pelo estudo de uma marca para expor a influência dos contextos de esquerda e de direita para a compreensão do processo de constituição do sentido dos enunciados.

No âmbito da Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas, uma preposição não é apreendida como a tradução de um sentido que existiria independentemente do próprio material verbal no qual ela está inserida, o que atesta a impossibilidade de identificá-la, semanticamente, por meio de um sentido básico, de um “conteúdo permanente”, visto ser esse, necessariamente, fruto da inserção discursiva da preposição em si.

Em outras palavras, se o sentido que normalmente se atribui à preposição consiste no resultado de sua inserção discursiva, a identidade semântica deve ser buscada não no término do processo de significação, mas no próprio desenrolar do processo significativo, na interação que se verifica entre a preposição e os termos X e Y.

A preposição **para** apresenta, portanto, uma identidade semântica que lhe é própria e que incide sobre seus usos. Esta identidade, em nosso referencial teórico, caracteriza-se em termos de **forma esquemática**, uma forma invariante de natureza metalinguística construída a partir da observação do próprio papel exercido pela preposição nas interações por ela integradas. Trata-se de uma representação abstrata que só pode ser apreendida por meio da variedade de empregos dos quais ela deve dar conta e que resultam necessariamente de uma interação.

Constituindo-se como uma constante de funcionamento que sustenta os empregos de **para**, a forma esquemática evidencia a regularidade da dinâmica observada a cada vez que a preposição se insere discursivamente. São, assim, operações generalizáveis que se manifestam a cada vez que se emprega **para**, operações que permitem compreender, para além das especificidades características da língua em uso e da ampla variação semântica que nela se faz presente, a sistematização necessária à reflexão gramatical.

A natureza destas operações tem por fundamento a operação de **localização** (*Théorie du repérage*) em sua articulação com os domínios nocionais (CULIOLI, 1990, 1999a, 1999b).

A análise aqui entrevista sustenta a hipótese de que, na relação **X para Y**, Y funciona, dada a operação de localização, como localizador de X, termo que adquire, portanto, o estatuto de “localizado”; nesta relação, Y, por consistir no termo que segue a preposição, encontra-se necessariamente identificado, enquanto X, termo apreendido como “antecedente”, apresenta naturezas variadas.

No que se refere ao tipo de operação de localização observada, a hipótese aponta para uma localização de tipo especificação pelo fato de o termo localizado ser apreendido por meio de uma categorização que lhe é “externa”, oriunda do termo Y, localizador.

Em suma, na relação **X para Y**, verifica-se um termo localizador Y que apreende X, termo localizado, a partir da atribuição de determinadas propriedades que, não sendo intrinsecamente as propriedades constitutivas de X, não podem ser consideradas como o que o caracteriza. Por fim, X, embora especificado por Y, não pode ser por ele estritamente identificado pelo fato dessa identificação lhe atribuir uma propriedade efetiva não condizente com o funcionamento da preposição **para**.

Ressaltamos que em nossa análise, não se trata de atribuir um “sentido básico” à preposição, mas de observar a dinâmica enunciativa que lhe é característica.

As operações suscitadas por **para** possibilitam a X, “termo antecedente”, ser localizado por Y, “termo conseqüente” à preposição. Isso nos conduz à seguinte forma esquemática, conceito elaborado por meio da análise dos empregos da preposição que busca explicar a sua dinâmica enunciativa²⁸:

Na relação **X para Y**, Y, termo conseqüente, constitui-se uma referência externa por meio da qual X, termo antecedente, é localizado;

A localização de X por Y instaura um confronto entre as apreensões decorrentes de X localizado e X não-localizado.

²⁸ Para maiores detalhes, ver Gonçalves (2008).

Por referência externa, entenda-se que a(s) propriedade(s) decorrente(s) de Y não permite(m) caracterizar X de modo efetivo, instaurando no enunciado uma “não-conformidade” que conduz aos inúmeros sentidos atribuídos à preposição: destino, finalidade, expressão de opinião, entre outros.

6. A ambiguidade inerente à linguagem: demonstração

No trabalho prático com as marcas de operação, a partir de um enunciado que nomearemos E1 tiraremos um enunciado E2 (explícito ou não). Assim, teremos uma relação construída a partir de um termo E1 denominado orientador constitutivo (*repère constitutif*, na terminologia culioliana) em relação ao qual construiremos um enunciado E2 tirado de E1. O que nos interessa neste trabalho é a operação linguística pela qual tiramos E2 de E1. Assim, esse orientador é visto como indiscutível.

Para obtermos uma classe de enunciados tais como E2 derivado de E1, podemos mudar da primeira pessoa para a terceira, por exemplo. Além disso, podemos mudar o tempo verbal. Depreende-se daí, que estamos construindo uma classe de formas equivalentes, a partir de um sistema gerador. Chamamos de **léxis** o que induz o sistema gerador e de **família parafrástica** a classe de enunciados, ou seja, uma classe de ocorrências moduladas.

Dessa forma, a partir de E1 o linguista é conduzido a reconstruir a léxis que lhe deu origem. A léxis fornece um pacote de relações e, para cada lugar, um domínio nocional. Em poucas palavras, trabalharemos o processo gerador desses enunciados no intuito de entender o funcionamento das marcas na estabilização do processo de construção referencial dos enunciados.

Vejam como isso se configura na prática:

"Quando se viaja sozinho e **você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel**, a sensação de isolamento é inevitável"²⁹.

(1a) *Ele foi à casa.*

(1b) *Ele foi para casa.*

(1c) *Ele foi para o cemitério.*

(1d) *A vaca foi para o brejo.*

(1e) *Ela vai para quinze anos.*

(1f) *Eu sempre soube que este garoto iria para frente.*

(1g) *Vá para o inferno.*

²⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u719941.shtml>. Acesso: 02/09/2010

O trajeto de representação (e de validação) que propomos para a estabilização do termo que antecede a preposição é: valor inicial (Interior) → valores outros (Fronteira+ Exterior) não validados (de onde: vazio) → retorno ao valor inicial distinguido, todo outro valor sendo descartado. Obtém-se, assim, uma identificação que induz a um valor homogêneo e estabilizado como encontramos no dicionário. Dessa observação e de outras que se seguirão, perceberemos que **para** não contribui para fixar a referência da palavra, ou seja, ela não tem um valor determinativo e sim um valor referencial.

No enunciado 1, em que trabalhamos com as modalidades assertiva e apreciativa, trata-se de um quarto com o qual o sujeito do enunciado passa a ter uma relação (entende-se, normalmente, como o quarto onde ele passará um ou mais dias). Assim, **para** vai apreender a ida como uma ida específica, não sendo uma ida a qualquer lugar e nem sendo algo muito rápido, mas que implique uma permanência, por exemplo.

Em outras palavras, num primeiro momento do enunciado, a “ida” é tida na noção mesma do verbo “ir” (origem-destino - interior do domínio <ir> em oposição ao exterior do domínio <tudo aquilo que não é compatível com ir>), o ponto da “direção” pouco importa para a noção de “ir” nesse primeiro momento. Mas, num segundo momento do enunciado, enxergamos essa ida de um ponto de vista específico, uma ida de um sujeito para um quarto no décimo sexto andar de um hotel com efeito de isolamento (aquilo que não é exatamente a noção pura de <ir>, mas uma ida destinada a um lugar específico). A cada atualização do enunciado com a preposição **para**, diferentes propriedades serão agregadas a esta “ida”, estabilizando-se, assim, a construção de sua referência no enunciado.

Em 1c, para que o sujeito vá para o cemitério, é necessário que o cemitério tenha uma significação particular para ele: ou trata-se do lugar onde ele trabalha, ou ele é um espírito e mora lá, ou ainda, ele estava fazendo algo no cemitério, parou – por exemplo, para comer – para retomar o trabalho depois (então, ele vai para o cemitério). Acreditamos que **para** especifica a ida sob a ótica de cemitério. Neste caso, percebemos a importância do sujeito na estabilização da noção <ida>, o que corrobora nossa hipótese referente à necessidade que a marca **para** tem dos outros componentes do enunciado, revelando que o efeito referencial causado não se trata apenas de algo inerente à preposição.

Se fizermos uma comparação entre os enunciados 1a e 1b, perceberemos que a preposição **para** em 1b permite apreender a ida (X) como uma ida para a sua casa (Y), o que não acontece em 1a, que não permite esse tipo de leitura. Em 1a, essa casa pode ser uma casa qualquer, a preposição **a** parece apenas apontar um destino específico. Em 1b, a ida é apreendida, especificada por casa e essa casa só passa a ser entendida como a do sujeito, pela

interação de todos os elementos do enunciado, sobretudo da preposição, uma vez que ela faz interagir os elementos de esquerda e de direita do enunciado trabalhando a noção do antecedente, a ida do sujeito. Esse raciocínio talvez explique porque, em 1d, utilizamos este enunciado sempre com a preposição **para**, porque, muito além de simplesmente localizar a ida do animal, a preposição **para** faz de brejo uma referência para essa ida dando sustentação à ideia de permanência que conduz ao sentido do enunciado: algo que deu errado, como se a vaca fosse para o brejo e lá encalhasse.

As operações suscitadas pela marca fazem com que enxerguemos a **ida** tal como a noção mesma do verbo ir (origem-destino - interior do domínio <ir> em oposição ao exterior do domínio <tudo aquilo que não é compatível com ir>) e a ida apreendida pelo brejo (característica que não define a ida, mas que, no momento do enunciado lhe é atribuída – fronteira do domínio <ir>). Esse jogo de instanciações entre X e Y traz essa forte relação entre um e outro em razão da presença da preposição **para**. Note-se que em “A vaca foi ao brejo” não podemos apreender o sentido figurado de fracasso, ou até mesmo o sentido literal de que ela permaneceu lá.

O mesmo fenômeno ocorre para o enunciado 1g, em que a preposição **a** apenas localizaria a ida e o que permite que o enunciado adquira um efeito de sentido como “vá e permaneça em um lugar ruim porque você merece” é o uso da preposição **para** que possibilita apreender a ida, não como uma ida qualquer, mas uma ida definitiva e para o inferno. Assim, acreditamos que esse efeito de sentido só é possível pela articulação entre todos os elementos do enunciado.

No enunciado 1e, podemos inferir que a idade da garota ainda não atingiu o referido limite. Neste caso, Y (15 anos), localizador de X (a iminência de sua idade), ao especificar X por meio de propriedades que não lhe são intrínsecas, impede que Y seja apreendido como um limite efetivo de tempo. Em outras palavras, **para** instaura no enunciado um limite de tempo que, por não poder ser apreendido como efetivo – o que corresponderia a caracterizá-lo por meio de algo que lhe seria próprio -, é concebido como “a ser atingido”. Pode-se dizer que é justamente esta dinâmica que daria origem ao efeito de direção apontado por outros referenciais teóricos. E é justamente essa mesma explicação que nos permite entender que em 1f (modalidade apreciativa), outra preposição, como a preposição **a**, por exemplo, não traria a ideia de progresso ao garoto do enunciado, mas sim uma simples localização do garoto num espaço determinado.

Apresentadas essas reflexões quanto à dinâmica de funcionamento da preposição **para**, a seguir, trabalharemos como essa dinâmica gerada por um único elemento juntamente com o co-texto do enunciado, permite-nos enxergar a ambiguidade inerente à linguagem.

Assim, considerando que a linguagem é plástica e carrega em si uma ambiguidade inerente, nosso intento, nessa segunda parte da análise do enunciado em questão, é mostrar que a todo o momento ela é dotada de uma capacidade de estabilização (sempre momentânea e, por assim dizer, relativa) e de uma desestabilização (também sempre momentânea e não menos relativa).

Nesse momento, o que se colocará no centro é o conceito de noção, o qual é de grande aporte para toda e qualquer reflexão que se faça dentro do aparato teórico-metodológico do modelo linguístico de Culioli. Relembramos, ainda, que maiores explicações sobre esse conceito foram dadas no item 1.2.1 desse artigo. Sem mais, passemos à segunda parte de nossa análise.

De início, isolamos a léxis do enunciado < x R (para) Y >, onde x é o termo você, R é o verbo ir e y é o termo quarto e atribuiremos duas propriedades à noção de R: P (ir (para) enquanto se fixar) e P' (ir (para) enquanto se movimentar).

Além de tais propriedades permitirem a ambiguidade do enunciado, serão elas que nos servirão como ponto de partida para a desambiguação do mesmo enunciado. Tomemos dois contextos, um para cada propriedade:

Contexto 1, para P: “Quando se viaja sozinho e você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento é inevitável. Daí, você fecha a porta, desfaz a mala e a sensação de isolamento aumenta ainda mais.”

Contexto 2, para P': “Quando se viaja sozinho e você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento é inevitável. Daí, você continua subindo mais andares e a sensação de isolamento aumenta ainda mais.”

Nos dois contextos é a marca **para** que subsidia essa plasticidade de significação, pois tanto se vai a um lugar Y para se estagnar, dormir, se hospedar, quanto se vai a um lugar Y para conhecer, passar por, transpor, etc. Em outras palavras, a marca **para** permitiria atribuir, momentaneamente, características à ida, mas, sendo esse processo momentâneo por conseguirmos num primeiro momento identificar essa ida como uma ida qualquer para só depois entendermos que é uma ida para um quarto de hotel, o jogo enunciativo desse enunciado traz ambiguidades inevitáveis no processo de constituição do próprio enunciado. Assim, só uma situação enunciativa nos daria indícios de qual é o ponto final desse movimento do verbo ir.

Dessa forma, a marca para pode indicar, no mínimo, dois movimentos: um enquanto meio (P) e outro enquanto meta (P')

Vejamos a demonstração disso:

P: Foi para São Paulo, pegou um avião e foi para Paris.

P': Foi para São Paulo.

Valendo-nos de alguns conceitos da TOPE, sobretudo os referentes aos mecanismos de quantificação, faremos algumas glosas para melhor compreendermos o fenômeno que visamos registrar aqui. Trata-se dos recursos de extração, flechagem e varredura, os quais já foram explicados na seção 1.2 desse texto.

Extração: Quando se viaja sozinho e vai para o quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento é inevitável.

Flechagem: Quando se viaja sozinho e você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento que ele dá é inevitável.

Varredura: Quando se viaja sozinho e você vai para os quartos, a sensação de isolamento é inevitável.

Comentário:

O recurso de extração fecha as possibilidades de se ir para outros quartos (o que é corroborado com o advento da determinação causada pelo artigo definido), assim prevalece a propriedade P'.

A flechagem, que é determinada pela retomada da noção <quarto> a partir da marca ele, também aponta para a propriedade P' e indica que o termo quarto corresponde ao destino, ao ponto de parada do sujeito enunciador.

A varredura não fixa nenhum ponto, nem de passagem nem de destino. Pode-se estar falando de qualquer quarto, o que remete a enunciação à alta noção do termo quarto.

São essas operações que nos permitem ver, de maneira clara, o esquema de funcionamento da preposição **para** (exposto acima), o qual corrobora profundamente o caráter ambíguo da linguagem. Ao trabalharmos com o termo quarto, tentamos mostrar a importância de Y para a atribuição de características não-definitivas a X (neste caso, a ida), ou seja, somente o co-texto com os seus elementos e a situação enunciativa é que vão permitir uma visão dessa ida que não é uma ida qualquer, mas uma ida enquanto meta, enquanto meio, ou até mesmo uma ida sem uma atribuição que a especifique claramente.

Todo esse esforço operatório apresentado acima leva-nos a verificar que a linguagem é ambígua por natureza dado o fato dos seus elementos serem todos dotados de uma invariante

de funcionamento que apesar de jamais a definirem, a estabilizam em cada enunciado que se realizam.

O que é outro fato (e isso vem por conta da nossa reflexão teórico-metodológica) é que estamos falando de um arranjo léxico-gramatical que cria um sentido provisional onde tanto o ponto de estagnação pode ser provisório, quanto a sensação ocasionada por esse momento de estagnação. Eis aí a demonstração da existência de um domínio nocional em que diversos enunciados são possíveis de serem gerados a partir do rearranjo e culminarem noutros sentidos igualmente provisórios, sentidos esses que provam a ambiguidade inerente da linguagem, que vimos propalando ao longo desse artigo.

Nesse sentido, se ir para um quarto no 16º andar implica numa sensação de solidão, ir, por exemplo, para um quarto noutro andar (15º, 17º, etc) pode tanto aumentar, diminuir, substituir ou complementar essa sensação:

Quando se viaja sozinho e você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento é inevitável, mas o curioso é que se você subir mais um pouco, essa sensação diminui pois você sente mais próximo de Deus.

Quando se viaja sozinho e você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento é inevitável e se você subir mais um pouco, essa sensação se torna desesperadora, pois o silêncio toma conta do ambiente.

Quando se viaja sozinho e você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento é inevitável, mas o curioso é que se você descer um andar, essa sensação diminui, pois você sente mais próximo do chão, que é onde a maioria das pessoas vive.

Quando se viaja sozinho e você vai para um quarto no décimo sexto andar de um hotel, a sensação de isolamento é inevitável, mas o curioso é que se você descer até o décimo quinto, essa sensação aumenta, pois você consegue ouvir as pessoas nas ruas, mas não consegue interagir com elas.

Notemos, ainda, que qualquer que seja a manipulação que fazemos do enunciado a marca preposicional **para** é determinante, constituinte e está no âmago de todo esse movimento, mesmo porque, a noção <ir>, na verdade, só será assertiva se houver uma marca que indique a direção desse movimento que está no centro dessa noção: <ir (para)>, <ir (a)>, <ir (em)>. Apesar de crermos na grande relevância dos diferentes sentidos que cada uma dessas e outras marcas podem suscitar, não abordaremos essa questão nesse trabalho.

Ilustremos, primeiramente, como a propriedade P se constrói na situação linguística por meio do enunciado “Eu fui pra Isla Margarita, voltei pra Caracas e depois fui pra Los

Roques”. (Disponível em: <http://www.mochileiros.com/isla-margarita-e-los-roques-2009-t34023.html>. Acesso: 02/11/2010)

Vemos, claramente, três pontos marcados nesse enunciado: ponto A, portanto, de origem (Caracas); ponto B, portanto destino provisório (Isla Margarita) e ponto C, destino provisório ou não. Assim, o movimento entre um e outro reverbera a propriedade P em que a noção <ir (para) > pressupõe uma estagnação sempre provisória.

Interessante notar que a transição até o ponto C não fecha a possibilidade de uma migração para outro ponto. Seja um novo ponto, ou um retorno aos pontos B e A. E é exatamente todo esse movimento suscitado que reafirma essa propriedade.

Já o excerto do consagrado poema Vou-me embora pra Pasárgada de Manuel Bandeira mostra bem como a propriedade P' da noção <ir (para)> é construída no processo enunciativo:

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura³⁰

A variante **pra** indica exatamente esse movimento entre dois pontos: de um ponto estático (aqui) a um ponto estático (lá, Pasárgada). Assim, no poema, a preposição **para** marca a transição bem definida entre dois lugares e não abre possibilidade para um novo movimento a um terceiro lugar.

Algumas conclusões

Desambiguar exige a construção de formas abstratas sem que se façam necessárias regras formais de interpretação, pois somos dotados de uma capacidade incessante de construir significações por termos valores referencias (culturais, psicológicos, afetivos, etc) que nos habilitam a construir tais valores.

Pudemos constatar que cada preposição tem uma identidade que se manifesta em todos os seus empregos. Ela não é dessemantizada em suas atualizações no enunciado e sua identidade só pode ser apreendida através da variedade de valores e de empregos dos quais ela dá conta e que resultam sempre e necessariamente de sua interação com o seu contexto. Dessa forma, podemos dizer que os valores espacial e temporal de uma preposição dependem dos elementos que estão ao seu redor.

³⁰ In: "Bandeira a Vida Inteira", Editora Alumbamento – Rio de Janeiro, 1986, pág. 90

A nosso ver, a marca **para** ocupa um lugar paradoxal, pois, ela tem uma diversidade de usos e de sentidos que a fazem se equiparar (em determinados contextos) às preposições **a** e **em** no português brasileiro, mas, ao mesmo tempo, sua significação fora de contexto é bem complexa. Pode-se até admitir que sua significação seja de destino, alvo, trajeto, mas, por causa dos contextos. Consideramos que o ato ilocutório resulta do efeito de certos dispositivos enunciativos e/ou agenciamentos comunicacionais. Sendo assim, o consenso em se dizer que preposição **para** indica direção não funciona sempre. Logo, não é válido.

Cada preposição (do mesmo modo que cada unidade da língua) possui um esquema de funcionamento que lhe é específico e a escolha por uma ou por outra advém do contexto em que é inserida, da intenção do enunciador (o sujeito falante) e também da situação enunciativa. E é exatamente esse comportamento das marcas que leva à ambiguidade inerente à linguagem. O jogo complexo da construção de sentido do enunciado é um sistema aberto, onde, a cada atualização, novas interpretações surgirão, de maneira que um termo nunca será um termo definido e com sentido pronto, pois tanto o seu sentido, como o dos outros elementos, dependerão da organização operatória desse com os demais elementos do enunciado em que está inserido.

Ao trabalharmos com uma metodologia sistemática de paráfrases e glosas, refletindo sobre os termos passíveis de substituir X e Y colocados em relação pelas preposições e sobre as regularidades que eram determinantes em cada caso (dadas as propriedades que lhes eram associadas), pudemos formalizar uma dinâmica invariante que seria constitutiva da função exercida pela preposição **para** no âmbito das construções por ela integradas. Essa invariante seria uma forma definidora da variação, o que se manteria no decorrer da própria variação. Tal invariante, construída por meio de manipulações do material empírico nos quais a preposição se faz presente, mostra que a variação de **para** não é qualquer, mas é sustentada por um esquema constante no âmbito do enunciado, o que justifica usarmos ao longo do texto, dinâmica invariante ou forma esquemática de **para**.

Esse tipo de reflexão mostra que nosso posicionamento teórico distancia-se de abordagens em que as unidades linguísticas são concebidas como um material semântico pré-constituído, ou seja, como objetos dotados de conteúdos inerentes.

Ainda que estejamos longe de esgotar as possibilidades de reformulação do enunciado proposto, podemos constatar que as preposições consideradas semanticamente próximas das construções evidenciadas com a marca **para** não são, por si sós, capazes de retratar a dinâmica ativada por essa preposição. Assim, a simples alternância entre as preposições não permite compreender o funcionamento de uma unidade, pois o confronto entre uma e outra ou

a substituição de uma pela outra, leva ao surgimento de um novo material enunciativo, desencadeando, obrigatoriamente, outras representações e interações que são diferentes da significação construída pela forma da qual se partiu.

É interessante notar que podemos aflorar o sistemático por trás do que prolifera no uso da língua sem reduzir ou imobilizar essa variação, ao seja, ao invés de atribuir rótulos ao que, aparentemente, está pronto, buscamos o próprio processo de significação e ocupamos nosso lugar, enquanto sujeitos enunciadores, na atividade de linguagem, por não aceitarmos uma língua dada, mas sim, uma língua constituída com a nossa participação.

Em conclusão, podemos afirmar que a busca das características intrínsecas das preposições não deve ser ignorada, pois, percebemos ao longo desse trabalho, o papel específico que cada uma desempenha dentro do enunciado e que, portanto, contribui para as operações de linguagem que, em funcionamento, não diferem sintaxe, semântica e pragmática.

Referências

CULIOLI, A. **Transcription du séminaire de D.E.A. - 1975-1976**. Paris: D.R.L., 1976.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation - Opérations et représentations**. Paris: Ophrys, Tome 1, 1990.

_____. **Cognition and representation in linguistic theory**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1995.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage**. Paris: Ophrys, Tome 2, 1999.

_____. **Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel**. Paris: Ophrys, Tome 3, 1999.

CUMPRI, M. L. **Da noção ao texto: um estudo enunciativo da produção textual**. Araraquara. 2008. 124f. Dissertação (mestrado em linguística e língua portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

FUCHS, C. **Les ambiguïtés du français**. Paris: Ophrys, 1996.

LE GOFFIC, P. **Ambiguïté linguistique et activité de langage**. 1981. 654 pages. These (Doctorat d'Etat) – Département de Recherches Linguistiques, Université de Paris VII, Paris, 1981.

GONÇALVES, P.S. **A preposição "para" e o processo de construção referencial**. 2008. 114f. Dissertação (mestrado em linguística e língua portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

VIGNAUX, G. Entre linguistique et cognition: des problématiques de l'énonciation à certains développements tirés de l'oeuvre d'Antoine Culioli. In: BOUSCAREN, J.; FRANCKEL, J.-J.; ROBERT, S. (Eds.), **Langues et langage: problèmes et raisonnement en linguistique: mélanges offerts à Antoine Culioli**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995. p. 565–582.